

1. Introdução

Os alunos, por aquilo que fazem (comportamentos considerados inadequados e qualificados de ‘indisciplina’) e por aquilo que não fazem (realização correta e diligente das tarefas escolares que lhes são pedidas), tendem a ser, cada vez mais, encarados pelos professores como o problema principal da escola. (Canário, 2006, p.71)

É extremamente comum atualmente ouvirmos o discurso de que o adolescente não respeita mais o adulto. O senso comum (representações da sociedade) indica que estamos atravessando um período em que as relações sociais são marcadas por uma licenciosidade. Haveria uma crise geral de autoridade que estaria se refletindo na sala de aula, de modo que a gestão da classe é apontada como uma das maiores dificuldades encontradas pelo professor.

Diversas pesquisas apontam a indisciplina como o aspecto mais difícil de lidar no cotidiano escolar. Zagury (2006), por exemplo, trouxe os dados de uma pesquisa realizada com professores apontando que a maior dificuldade enfrentada em sala de aula era a indisciplina e a falta de motivação dos alunos. De acordo com a autora, novas teorias educacionais trouxeram uma concepção mais democrática da relação pedagógica, valorizando a afetividade na relação do professor com o aluno, o que representaria um grande passo para a qualidade de ensino. Porém, para a autora, na prática houve uma distorção na relação professor/aluno, pois devido a uma relação mais próxima de “amizade” os estudantes muitas vezes entenderam a hierarquia como inexistente: “qualquer intervenção em termos de controle de disciplina ou de avaliação (de comportamento e de saberes) é atualmente entendida como ameaçadora à ‘boa relação’” (Zagury, 2006, p.46).

Outra pesquisa aponta ainda que a dificuldade em estabelecer boa relação com o aluno seria uma das causas do chamado “mal estar docente.” Codo (1999) ao analisar a síndrome de burnout que, segundo o autor, afeta 48,4% da categoria de professores em pelo menos um dos três componentes que compõem a síndrome, mostra que ela resulta de “uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, particularmente quando estes estão preocupados ou com problemas.” (Codo, 1999, p.238) Pontua os diversos fatores relacionados à síndrome, mas deixa claro que as relações estabelecidas pelo professor com colegas, alunos e direção são determinantes para a manifestação desse problema. Apesar das pesquisas

realizadas, o tema da indisciplina e manejo de classe está longe ainda de ser esgotado, devido à grande complexidade que envolve, sendo ainda pouco significativo o número de trabalhos que abordam esta questão.

Diversos autores, como Canário (2006) e Dubet (2002), apontam para uma crise dos modelos de autoridade, que estaria relacionada a inúmeros fatores: transformações na sociedade e nos meios de socialização, fatores institucionais, organizacionais e de cunho pedagógico. Esta crise vem afetando o trabalho do professor de várias formas, exigindo a criação de uma nova profissionalidade docente, com novas competências e habilidades. O tema da autoridade tem grande relevância e vem sendo motivo de preocupação no âmbito das políticas e das práticas.

As relações na sala de aula se alteram em cada época, de acordo com o contexto histórico-social. De acordo com Tedesco (2004), a autoridade do professor não está posta e deve ser reconstruída no cotidiano da sala de aula, sendo importante também que toda organização escolar busque a regulação do coletivo¹. Dubet (2002) mostra que há um declínio da instituição escolar e deve-se buscar o sentido da experiência escolar para o aluno. Partindo da constatação de diversos autores de uma crise de autoridade docente, é objetivo desta pesquisa pensar sobre alguns dispositivos que podem ajudar a propiciar a construção de uma legitimidade e o estabelecimento da autoridade necessária para que o processo de ensino-aprendizagem possa acontecer. Parte, portanto, do seguinte questionamento: como as relações de autoridade são construídas no cotidiano escolar? Há aspectos facilitadores da regulação dos alunos, visto que controlá-los é um dos maiores problemas enfrentados pelos professores atualmente? Com estas questões poderiam ser analisados diferentes dispositivos para essa construção: individuais (utilizados por cada professor na sala de aula) e coletivos (referentes à

¹ A expressão “regulação do coletivo” foi proposta por Leite para diferenciá-la da noção de disciplina, após analisar as críticas foucaultianas em relação a esta, assim como para priorizar a dimensão do coletivo em sua análise. Argumentou que a realidade escolar que encontrou carecia de regulação, referindo-se a algum tipo de moral/ética que constituísse outra regulação comportamental que não a disciplina. A autora traz uma definição para o termo: “A regulação do coletivo pode, então, ser entendida como o conjunto desses processos de aprendizado de auto-controle, repletos da ambivalência que marca sua origens e finalidades: viabilização da integração social, adaptação a uma sociedade relativamente “pacificada”, distinção de grupos sociais.” (Leite, 2008, p.60). O termo regulação foi utilizado diversas vezes durante este estudo, com objetivos semelhantes aos da autora.

organização escolar), considerando os três níveis de análise da escola propostos por Canário: forma, organização e instituição. Ao buscar uma compreensão de como o professor se relaciona com o aluno neste início de século, será necessário também buscar uma compreensão sobre este aluno adolescente dentro do contexto pesquisado, a partir das representações estabelecidas pelo professor e pelo próprio corpo discente.

É objetivo ainda, pensar sobre a profissão docente no contexto atual e as novas demandas para a formação. Dessa maneira, parto também do seguinte questionamento: quais as repercussões deste novo contexto para a formação de professores? É necessário que os docentes estejam preparados para lidar com o novo contexto educacional.

1.1. As dimensões da relação pedagógica

A relação professor-aluno não pode ser compreendida ao restringir-se ao âmbito da sala de aula, sendo necessário analisar diversos aspectos. Canário (2006) faz uma distinção entre as dimensões que influenciam nesta relação: a institucional, a organizacional e a forma escolar. A instituição tem papel de integração social a partir de um conjunto de valores instáveis e intrínsecos. Como instituição a escola desempenha papel fundamental de unificação cultural, lingüística, política, de socialização de valores. Apresenta um paradoxo fundamental, pois produz ao mesmo tempo “um ator conforme as normas e as regras sociais e um sujeito senhor de si próprio” (Dubet, p.35, citado por Canário, 2006). A organização escolar compreende modos específicos de organização do tempo, espaço, agrupamentos dos alunos (classe) e as modalidades de relação com o saber (disciplinas). Ao longo dos últimos séculos sofreu um processo de naturalização. A forma escolar corresponde à dimensão pedagógica.

O capítulo que se segue é dedicado majoritariamente à análise da dimensão institucional. É necessário entender o que mudou na sociedade e afeta hoje as escolas de maneira tão contundente, de modo que os problemas de disciplina e falta de motivação dos alunos são hoje alvo de grande preocupação. Há uma crise de autoridade que é preciso qualificar, entender seu contexto histórico-social e suas repercussões na escola, estando esta relacionada a uma crise de valores e a uma mudança de paradigma, que foi necessária para dar conta

de uma diversidade educacional. Pretendo trazer importantes autores para a compreensão do contexto atual e da necessária construção de uma nova profissionalidade docente com ênfase na competência relacional. Através das contribuições de Canário (2006) e de Dubet, trazidas por Wautier (2003), é possível compreender os fatores no âmbito institucional que contribuem para atual crise de autoridade na relação professor-aluno e na sociedade, visto que não é possível compreender o fenômeno ao restringir-se à sala de aula. É necessário criar novos dispositivos para lidar com os alunos, tanto no âmbito organizacional quanto pedagógico. Apresento ainda para isso a metodologia de trabalho utilizada a fim de buscar uma compreensão sobre estes dispositivos em uma realidade escolar específica.

A autoridade deve ser reconstruída no cotidiano da sala de aula pelo professor, mas é importante que toda organização escolar busque a regulação do corpo discente. No capítulo III procurei desenvolver a análise em torno das perguntas: existiria na organização escolar pesquisada espaço para a autoridade? Quais os dispositivos organizacionais utilizados? No caso, analisei estas perguntas em uma escola privada voltada para setores médios e populares. Procurei estudar as características da escola a partir do conceito de cultura organizacional de Nóvoa. A partir das observações de campo, entrevistas e documentos pude destacar fatores que mostraram-se importantes para a escola no sentido de fortalecer a dimensão institucional.

No capítulo IV, adentrando no âmbito da sala de aula, analiso a relação estabelecida entre professor e aluno apresentando primeiramente as representações que estes possuem em relação ao outro e ao seu papel. A partir disso, procuro fazer uma análise dos dispositivos construídos por cada professor na sala de aula, destacando as formas com que procuram construir uma amizade equilibrando a amistosidade com o delineamento de regras. Analiso também a relação professor-aluno no contexto do grupo turma, destacando a influência do grupo de pares nessa relação.

Por fim, retomo alguns aspectos que, no contexto de pesquisa em questão, mostraram-se importantes para a regulação dos alunos e aponto possíveis caminhos para outros estudos sobre o tema.